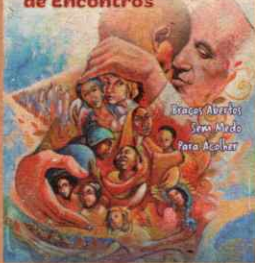


33ª SEMANA DO MIGRANTE

A Vida é feita de Encontros



Publicação do SPM – Serviço Pastoral dos Migrantes – jan/18 a jun/18



SUMÁRIO

EDITORIAL - P. 02

SEÇÃO BÍBLIA - P. 03

O trabalho nosso de cada dia nos dai hoje

HISTÓRIAS DE VIDA - P. 04

Ir. Sandra, uma artesã do oitavo dia

VARAL DO MIGRANTE - P. 06

Atividades das equipes locais

REFLEXÃO - P. 08

Acolhida, encontros e limites

FIQUE POR DENTRO - P. 09

Redução de empregos, migrações temporárias e redes sociais de resistência

Fórum social mundial das migrações 2018 - Espaço de encontro

CULTURA E ARTE - P. 11

Samba Enredo 2018 - Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?
G.R.E.S Paraiso do Tuiuti

BALAIO - P. 12



Publicação semestral do SPM - Serviço Pastoral dos Migrantes

Rua Caiambé, 126 - Ipiranga
Cep 04264-060 São Paulo-SP

Fone: (11) 2063-7064

e-mail: spm.nac@terra.com.br ou
secretaria.spm.nac@terra.com.br

O SPM é um organismo ligado à Comissão 8 da CNBB. Tem como Objetivo central articular e dinamizar a Pastoral dos migrantes em âmbito Nacional.

Assinaturas:

Normal = R\$ 20,00

Apoio = R\$ 50,00

Exterior = Us\$30,00

O pagamento pode ser feito através de cheque ao Serviço Pastoral dos Migrantes ou depositar na Conta corrente 12702-9 Agência 0644 - Banco Itaú ou por vale postal à agência Ipiranga/SP

Conselho Editorial

Ana Valim; Ana Carolina G. Leite; Ari José Alberti; Cleia de Fátima Silva; Cristóvão Almeida; Daniel Gorte Dalmoro; Jairo Moura Costa; José Carlos Pereira; José Roberval Freire; Maria de Lourdes Bernartt; Mario Geremia; Miguel Angel Ahumada; Patrícia Rivarola; Roberto Saraiva; Teresa Paris B. Holanda; Veridiana Franca Vieira.

Arte da Capa:

Sergio Ricciuto Conte

Criação, diagramação e impressão:

Renata Lima - A.N. Gráfica - 3975 9262

Tiragem: 1000 exemplares

Editorial

Neste VAI VEM, com o olhar voltado para a crise migratória recente, na qual milhares de seres humanos vivem subjugados às estratégias que o poder vigente estabelece a partir de seus interesses, viabilizados por políticos sem escrúpulos, apresentamos a história de vida de Ir. Sandra P. Souza, uma missionária que promoveu esperanças; e refletimos sobre as realidades migratórias internacionais e locais, à luz das reflexões que os espaços pastorais produzem. Propomos um empoderamento desta realidade, buscando saídas e mostrando possíveis caminhos tanto para migrantes quanto para agentes de pastoraes.

O Pe. Alfredo José Gonçalves, em um de seus escritos, provoca-nos a partir de um olhar crítico, a mirar os processos de migração que ocorrem na atualidade e que também guardam semelhanças com outros ciclos migratórios passados. Ele descreve neste escrito, chamado de "as vinhas da ira" que o processo deste movimento, em sua maioria é carregado do sentimento de mudança de vida, ocasionada, muitas vezes, por transformações ocorridas na origem, que excluem os sujeitos e os força a sair em busca de oportunidades. Porém, nestes deslocamentos chama-se a atenção para as surpresas, ilusões e adversidades

a serem enfrentadas. Pessoas são iludidas e se enchem de esperanças. "Cedo, porém, as ilusões se convertem em desilusões. E as esperanças vão se diluindo uma a uma na trajetória desse grande movimento" reforça Pe. Alfredo em sua reflexão.

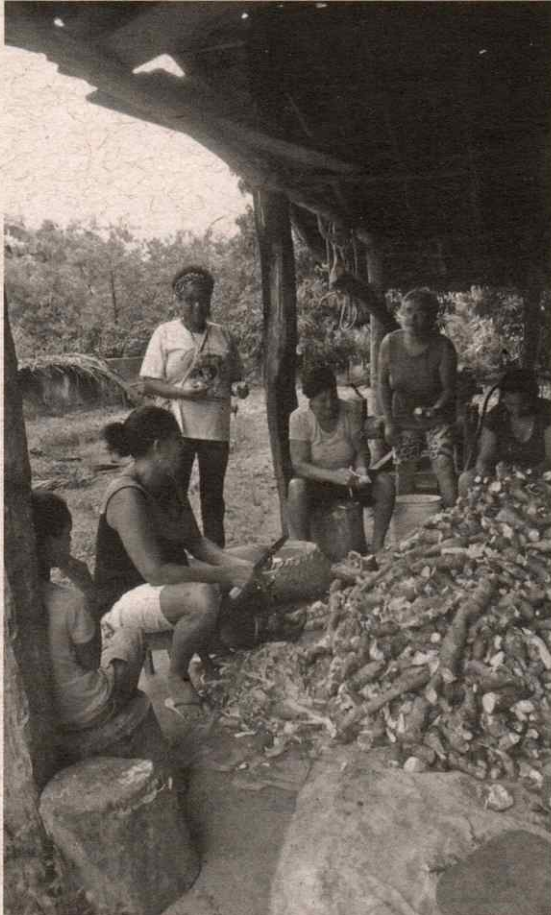
Mas, Pe. Alfredo também nos apresenta a migração e os migrantes como movimentos de oportunidades de renovação. Ele nos indaga a pensar "até que ponto é possível suportar tão estridente contraste? Até que ponto os governantes podem abusar da paciência popular? A greve geral, acompanhada de outras manifestações populares, são sinais eloquentes de que a ira vem crescendo. Os trabalhadores e trabalhadoras, no campo e na cidade, erguem a cabeça e saem às ruas e praças. A ira amadurece convertendo-se em revolta generalizada. A colheita não pode estar distante. Como a espiga, a flor e o edifício, a força cresce e se robustece a partir do chão. E quando devidamente organizada, produz mobilização e mudança com vistas a novos horizontes."

Enfim, olhamos para esse Boletim informativo também como espaço de tirar dúvidas, de promover imagens das caminhadas das equipes pelo país afora e como meio de comunicação diferenciada sobre a vida dos povos que migram e movem o mundo.

O TRABALHO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE

MARCELO BARROS¹

A espiritualidade do Trabalho na Bíblia



Missão Popular em Coroatá - MA
Foto: Acervo SPM

Podemos ler a Bíblia para que ela nos indique caminhos para vivermos a intimidade de Deus (a espiritualidade). O trabalho seria um deles, embora isso não esteja escrito com essas palavras e nem apareça de modo muito explícito. Está, para quem souber ler, para além das palavras.

Para compreender isso e porque isso é assim, é bom saber como era a cultura do mundo na qual a Bíblia foi escrita. No mundo antigo, principalmente na cultura greco-romana, que se espalhou pelo Oriente desde o IV século antes da Era Cristã, o trabalho era realizado por escravos e não era valorizado em si mesmo. Naquele tipo de cultura, os cidadãos se entregavam ao

ócio, ao lazer e à contemplação. O trabalho (que se entendia como manual) era próprio de escravos, como também de migrantes e estrangeiros pobres. Por isso, já é admirável que a Bíblia nos revele Deus trabalhando. Ele é mostrado no Gênesis como um oleiro que molda o ser humano do barro (Gn 1) e como um lavrador que planta um jardim no Éden (Gn 2). O texto da criação diz que, durante seis dias, Deus trabalhou e descansou no sétimo dia (Gn 2, 2). Essa teologia, surgiu depois que o povo de Deus tinha vivido o cativeiro da Babilônia. O profeta Isaías fala do Servo de Deus Sofredor, que como servo (escravo) trabalha a libertação do seu povo (Is 42), profecia que o Novo Testamento aplica a Jesus. O salmo pede a Deus que "abençoe a obra de nossas mãos" (Sl 90).

Os evangelhos apresentam Jesus como trabalhador, artesão, ou carpinteiro (Mc 6, 1- 6), assim como Paulo vivia do seu trabalho de tecelão de tendas (At 18, 13). A respeito de si mesmo e de sua equipe, ele afirma: "nós nos esgotamos no trabalho manual" (1 Cor 4, 12).

No seu debate com os chefes da lei, Jesus afirma: "*Meu pai trabalha sempre e eu trabalho com ele*" (Jo 5, 17). Entre as primeiras comunidades cristãs, alguns irmãos compreenderam que, como o Senhor voltaria logo, não precisavam trabalhar. Paulo repreende severamente esses irmãos e conclui: "*Quem não quer trabalhar, também não deve comer*" (2 Ts 3, 10).

Quando lemos esses e outros textos bíblicos, percebemos que, para a Bíblia, o trabalho é um modo das pessoas

participarem da obra criadora de Deus e cuidar melhor da vida sua e dos outros. É verdade que, no Gênesis, o trabalho duro e pesado do lavrador aparece como consequência e castigo do pecado de Adão (Gn 3, 17- 19). No entanto, outros textos mostram o trabalho como bênção divina e obra de amor (Salmo 128).

Hoje, no mundo, o problema não é mais somente discutir o valor do trabalho em um mundo desigual e injusto, no qual os pobres trabalham e os ricos gozam dos benefícios produzidos pelo trabalho dos outros. O desafio maior dos nossos dias é que, para um mundo cada vez mais dominado pelas máquinas e robôs, o trabalho se tornou quase desnecessário. O desemprego é geral. Aumenta uma população de pobres descartáveis, como diz o Papa Francisco, em suas palavras aos movimentos sociais. Os cidadãos do mundo rico reservam para migrantes clandestinos os trabalhos *sujos* ou *invisíveis* que eles não querem mais se sujeitar. E mais da metade da humanidade tem de se conformar com subempregos e trabalhos precários à margem da legislação e dos direitos trabalhistas. No Brasil, a reforma trabalhista patrocinada pelo governo golpista e, aprovada pelo Congresso, comprado pelas grandes empresas, fere os princípios da justiça e nega a dignidade do trabalhador. De acordo com todas as tradições espirituais, vai contra o projeto divino de um mundo de paz, justiça e comunhão com a Terra e a natureza. Em uma realidade como essa, a proposta para quem é cristão vem de Paulo: "*Nunca se conformem com esse mundo, mas procurem transformá-lo a partir de vocês mesmos. Renovem sua maneira de pensar e julgar para que possam distinguir qual é a vontade de Deus, o que é bom e o que lhe agrada*" (Rm 12, 2).

¹ Marcelo Barros, monge beneditino e teólogo, assessora comunidades eclesiais de base e movimentos sociais. Foi coordenador latino-americano da Associação Ecumênica de Teólogos/as do Terceiro Mundo (ASETT). Tem mais de 50 livros publicados.



Ir. Sandra Pinto de Souza
Foto: Arquivos da Web

IR. SANDRA, UMA ARTESÃ DO OITAVO DIA

ANA CAROLINA GONÇALVES LEITE, ELIZETE SANT'ANNA DE OLIVEIRA, JOSÉ CARLOS PEREIRA,
MARIA APARECIDA DE MORAES SILVA

Nascida em Ubá-MG aos 25 de julho de 1952, Ir. Sandra Pinto de Souza viveu o evangelho dedicando-se ao trabalho e serviço pastoral junto a grupos, associações e comunidades. Ainda jovem, mudou-se com a sua família para Visconde de Rio Branco-MG. No início dos anos 2000 tivemos contato com a Ir. Sandra participando de Missões Populares da Pastoral do Migrante no Vale do Jequitinhonha. Ainda adolescente começou a trabalhar em um frigorífico para ajudar no sustento da casa. No frigorífico, trabalhava com outras mulheres na seção de embalagens de cortes. Participou de greves, de CEBs – Comunidades Eclesiais de Base e se preocupava com questões de moradia, educação, espiritualidade e organização social dos trabalhadores.

Em 1979, entrou para o convento da Congregação das Irmãs da Providência de Gap, cujo carisma é o trabalho com educação e saúde integral como formas de praticar a fé. Em 1988, fez sua “profissão perpétua” e confirmava sua escolha para viver e renovar sua fé junto às pessoas, grupos, comunidades injustiçadas e ignoradas por governos.

Durante os 36 anos de Vida Religiosa Consagrada, Ir. Sandra viveu intensamente o carisma da sua Congregação. Ela foi enviada em Missão às cidades de Caldas-MG, Itajubá-MG, Japoatá-SE, Itinga-MG, Araçuaí-MG, Piranguinho-MG. Em Caldas trabalhou como professora; ainda nesta cidade e, mais tarde, em Itajubá, atuou junto a famílias sem moradia, articulando a leitura popular da bíblia às realidades do povo. Daí, foi em missão para o Sergipe, desta vez, em áreas rurais. Uma noite, ao realizar uma procissão em uma comunidade de Japoatá-SE, de repente, a procissão foi cercada por pistoleiros mandados por um fazendeiro. Ela disse que havia muitas

crianças e o grupo ficou parado. Então, as mulheres começaram a cantar hinos de louvor; os pistoleiros, por meio de xingamentos, fazendo ameaças de mata-los ali mesmo; as mulheres continuaram a cantar até que os pistoleiros não mais ameaçaram e foram saindo. Só bem depois veio a polícia. Mas não teve investigação e as coisas ficaram por isso mesmo. O povo de lá, animado pela fé, continua lutando até hoje (2003). Disse, certa vez, que via na fé e na luta deles que “tinham história e queriam conquistar o seu valor como gente”.

Mais tarde, assumiu uma missão no Vale do Jequitinhonha, no município de Itin-



Oficina com Comunidades Quilombolas, Comunidade Ponte do Gravatá,
Araçuaí - MG
Foto: José Carlos Pereira

ga-MG, onde chegou em 1994. Logo se fez presença de fé e esperança junto a um grupo de mulheres que lutavam por moradia e eram estigmatizadas como varredoras de rua; “viúvas de maridos vivos”, porque estes eram migrantes; também eram vigiadas por comerciantes locais que, além de lhes extorquirem no preço e controle dos produtos adquiridos por elas, as ameaçavam prometendo “contar” aos maridos o que elas faziam na “ausência” deles. Ir. Sandra organizou encontros, debates, envolveu outras pastorais e o poder público numa ação evangelizadora e de incidência política, feito Ato dos Apóstolos na construção de comunidades vivas. As mulheres conseguiram os terrenos e construíram suas casas em mutirões. Começava aí um vigoroso e corajoso trabalho em defesa da dignidade das mulheres.

Outros trabalhos nasceriam daquela luta. Ir. Sandra propôs a criação de uma associação que viabilizasse trabalho e geração de renda, lazer, reforço escolar para as crianças, e espaço de encontro para as mulheres. Após muitas reuniões nascia a ACOBAPA – Associação Comunitária do Bairro Porto Alegre. As mulheres passaram a produzir pães, bolos, biscoitos, hortaliças, verduras etc. para consumo próprio e venda; realizar encontros de leitura popular da bíblia, discutir migração, violência de gênero, participação, trabalho, saúde e sobre ações de solidariedade entre as mulheres para se protegerem da extorsão e ameaça dos comerciantes etc. Porém, muitos homens, migrantes e não migrantes, maridos das mulheres que frequentavam a ACOBAPA, passaram a proibi-las de frequentar a associação. Várias mulheres sofreram agressões, mas não desanimaram. Mantiveram a associação que, a contragosto dos homens, cresceu mais. Mulheres de outros bairros e municípios queriam participar. Com o tempo, alguns homens também se aproximaram e hoje participam.

Superados alguns desafios, nasce a AMAI – Associação de Mulheres de Itinga e logo depois a AMOVAJE – Associação de Mulheres do Vale do Jequitinhonha. Esta associação chega a reunir 350 mulheres de diversos municípios e desenvolve atividades de geração de renda, formação, participação e incidência política. Realizam encontros e assembleias regulares. No seu rastro foi criado o FMV – Fórum de Mulheres do Vale como espaço de articulação e tomada de decisões coletivas.

De Itinga, Ir. Sandra vai para Araçuaí-MG onde forma novas equipes e, ao lado de suas coirmãs e colaboradores, amplia o trabalho de evangelização e incidência. Convidada por Dom Enzo, então bispo da Diocese de Araçuaí e fundador presidente do Serviço Pastoral do Migrante-SPM, assume a coordenação diocesana dessa Pastoral; organiza debates, seminários, audiências para prevenir e combater a mi-

gração forçada; realiza missões populares visitando famílias de migrantes em suas comunidades, em usinas de açúcar e álcool, fazendas de café e laranja; celebra com eles em alojamentos, barracos e pensões; participa das reuniões do SPM, de audiências públicas sobre migração e é eleito membro de sua coordenação nacional, assumindo o Setor de Migrantes Sazonais; contribui para a visibilidade política e social sobre o trabalho escravo, saúde precária, mortes de trabalhadores por esgotamento físico etc.

Mas, ela também aponta para o potencial de criatividade, solidariedade e organização das famílias de migrantes e destaca o seu caráter de protagonista histórico nas estratégias de convivência com o semiárido através dos projetos de barraginhas, captação de águas da chuva, quintais maravilhosos, hortas comunitárias, criação de pequenos animais, artesanatos, teatro, dança etc. Todo esse trabalho foi fundamental para a organização social popular e para manter vivas a esperança e a luta das pessoas por outro mundo possível, porque já vivido em seu cotidiano, como diria Tiguera¹.

Ir. Sandra amplia as atividades com as mulheres. Estimula a coleta de plantas medicinais no cerrado e na caatinga; apoia a criação de farmacinhas para remédios naturais e de fácil acesso às famílias. Os remédios são vendidos nas feiras, encontros, associações e fóruns. Mesmo alguns médicos, ainda hoje, os receitam a seus pacientes.

Surgiram dificuldades financeiras e de construção de agendas, pois os grupos se multiplicaram e é natural que surjam múltiplas demandas e percepções. Não faltou quem torcesse o nariz diante de tudo isso. Sempre ouvinte, Ir. Sandra era consciente do que precisava ser feito, pois vivia o cotidiano das famílias, acreditava no amor e na mudança social nascidos da solidariedade, da organização e participação popular.

Respeitosamente encarou as dificuldades e os narizes torcidos. Esteve em mutirões para a construção de casas para famílias sem teto, abriu nova frente de trabalho

junto às comunidades quilombolas em Minas Novas, Araçuaí, Itinga, Itaobim, Berilo, Chapada do Norte, Comarcinho, Coronel Murta, Francisco Badaró etc.

Com saber, convicção e leveza, Ir. Sandra se embrenhava no cotidiano das famílias. Sempre que podia, gostava de assistir a novelas e comentar

suas histórias com as pessoas que também as assistiam. Certa vez, ela relatou que foi hospedada por uma família na comunidade Córrego da Velha, em Araçuaí. Terminados os trabalhos do dia, percebeu que o dono da casa estava meio inquieto. Então perguntou para a esposa dele: está acontecendo algo? Ao que ela respondeu. Não é nada, ele está querendo ver o final da novela, mas está com vergonha de ligar a tv com a senhora aqui em casa. Ir. Sandra sorriu e falou para a mulher: “Eu também estou querendo assistir, mas fiquei sem jeito de pedir isso a vocês”. Mergulhados em gargalhadas foram logo ligando a tv.

Em 2013 foi diagnosticada com um câncer. Relutou, mas aceitou o convite de suas coirmãs para regressar a Itajubá-MG, sede da Província Leste de sua Congregação, onde, ao lado dos trabalhos de evangelização, a Providência de Gap mantém o IESAI (Instituto de Educação e Saúde Integral). Aí pode repousar e fazer os tratamentos necessários. O câncer não foi extirpado, mas a mulher de fibra e de fé recuperou suas forças. De acordo com a sua coirmã Teresinha de Barros, ela “assumiu pra valer, junto com a comunidade, o projeto do IESAI na articulação de iniciativas e ações em favor da vida, sobretudo através do Grupo Resgate da Vida. Articulou e dinamizou cursos de formação na linha bíblica, no cuidado com o planeta Terra e retiros na linha holística e eco-espiritualidade. Era dotada de muita criatividade e capacida-



25ª Missão do Migrante, Comunidade Santiago, Chapada do Norte - MG
Foto: Acervo SPM

de de articulação; estava sempre atenta aos contatos, aos relacionamentos, aos “amigos do IESAI”.

Numa manhã de abril/2018, 29, antevéspera do Dia do Trabalhador, domingo Dia do Senhor, na tradição cristã, Ir. Sandra fez a sua Páscoa. Ela deixa saudades, mas também belos trabalhos. Alguns deles são desafios constantes como a Pastoral do Migrante no Vale do Jequitinhonha. A despeito do esforço das lideranças locais, com o retorno de Ir. Sandra a Itajubá, a Pastoral passa a viver desentendimentos sérios entre a equipe. Mas, quem visita as famílias de migrantes vê que a semente de fé, esperança e dignidade está viva e germina mesmo na contramão das dificuldades locais e do Estado de exceção que o Brasil vive hoje.

O coração de Ir. Sandra pulsa em cada pessoa que teve a oportunidade de conhecê-la. Ela vive em nossa memória coletiva e em cada ação em defesa da vida. São profundas e numerosas as manifestações de carinho e inspiração das comunidades quilombolas, migrantes, grupos e associações de mulheres. Ela sempre acreditou na vida vencendo a morte. Esta fé lhe fortaleceu e impulsionou os seus trabalhos missionários junto às pessoas e grupos invisibilizados e considerados sem história. Sempre a serviço deles, ajudou-os a crer no amor, a perder medos, a mostrar a cara e a lutar por dignidade. Vivendo a alegria do evangelho no cotidiano do povo, Ir. Sandra foi, verdadeiramente, uma artesã do oitavo dia².

¹ Pseudônimo do poeta e filósofo Arivaldo José Sezyshta.

² REEVES, Hubert. *Os artesãos do oitavo dia*. São Paulo: Unesp, 2002.



Missa em espanhol com os imigrantes venezuelanos em Amajari - RR

Foto: Arquivo SPM



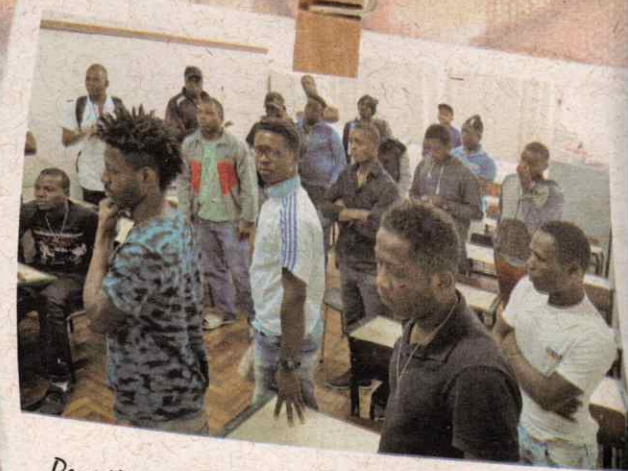
Pastoral dos Migrantes da Paróquia Santa Cruz de Itaberaba em atividade surpresa para os filhos de imigrantes que frequentam o Curso de Língua Portuguesa, São Paulo - SP

Foto: Arquivo SPM



Encontro com os voluntários do Serviço Pastoral dos Migrantes, Campo Grande - MS

Foto: Arquivo SPM

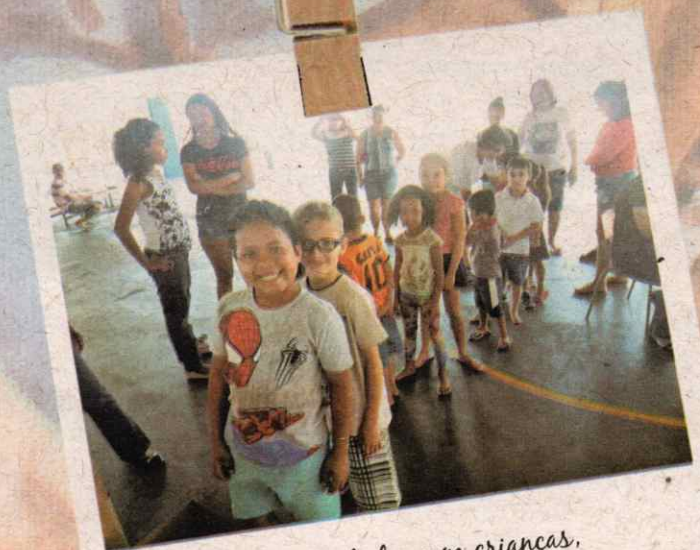


Reunião com Lideranças Haitianas, Xaxim - SC



Reunião de Coordenação da Pastoral dos Migrantes e movimento leigo, Fortaleza - CE

Foto: Arquivo do SPM



Atividades com crianças, Pradópolis - SP

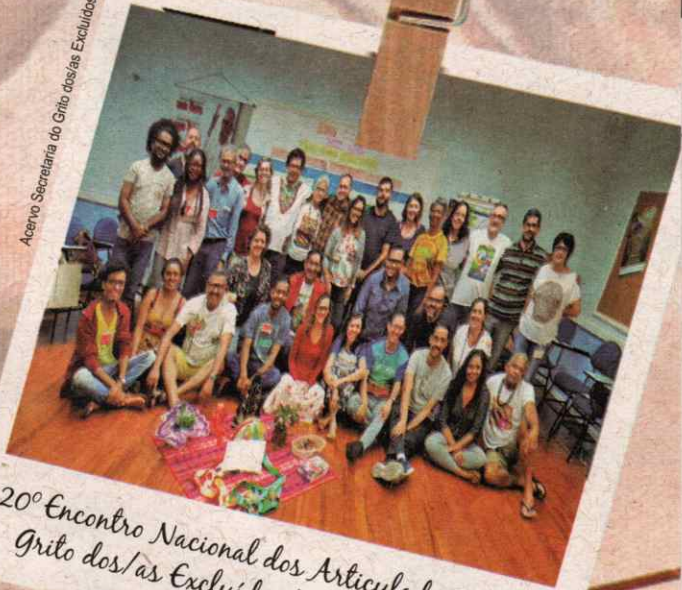
Foto: Adilson Antônio Morello

Foto: Acervo SPM



9º Encontro anual das Pastorais Sociais do Regional Sul 2 da CNBB, Curitiba - PR

Acervo Secretaria do Grito dos/as Excluídos/as



20º Encontro Nacional dos Articuladores/as do Grito dos/as Excluídos/as, São Paulo - SP

Foto: Jairo Moura Costa



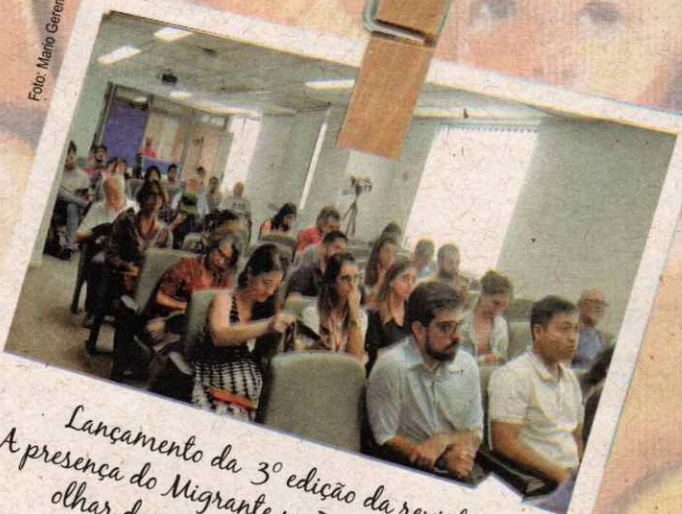
Caravana da Saúde em Dionísio, Diocese de Itabira-Coronel Fabriciano - MG

Foto: Acervo SPM



Coletivo de Formação do Serviço Pastoral dos Migrantes, São Paulo - SP

Foto: Mario Geremia



Lançamento da 3ª edição da revista A presença do Migrante no Rio de Janeiro - O olhar dos imigrantes e refugiados, Rio de Janeiro - RJ

Foto: José Roberto Rodrigues



Encontro de Leigos Scalabrinianos, Rio de Janeiro - RJ

ACOLHIDA, ENCONTROS E LIMITES

ROBERVAL FREIRE E DANIEL GORTE DALMORO

“Acolham-se uns aos outros, como Cristo acolheu vocês...” (Romanos 15,7)

Papa Francisco com refugiados em visita a Bangladesh
Foto: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/840818/papa-francisco-se-reune-com-refugiados-em-visita-a-bangladesh>

A acolhida ao migrante é uma ideia fascinante, mas, ao mesmo tempo, cheia de riscos, de armadilhas, na medida em que pode se reduzir a boas intenções, a um ato isolado, até simpático, mas sem compromisso, sem engajamento real, sem romper, ou até reforçando as barreiras ocultas entre o eu e o outro.

Do latim *“acolligere”*, a palavra acolhida é expressada nos dicionários da língua portuguesa, no verbo hospedar, acomodar, amparar, apoiar, receber, asilar, albergar, entre outros. Instituições costumam “acolher” seus “assistidos” – num trato assistencial, sobretudo, ao “indivíduo”.

Queremos, pois, aprofundar a compreensão desta palavra – de maneira que acolher não se reduza a uma via de mão única, mas que seja uma troca frutífera entre diferentes. Igualmente não é “tolerar” o diferente, nem submetê-lo ao trabalho explorado, tampouco discriminar a sua cultura.

**“Saudações a Gaio, que está hospedando a mim e a toda a comunidade”
(Romanos 16,23)**

Em algum momento, precisamos ou precisaremos de algum tipo de acolhida: numa dificuldade, num luto, numa viagem, numa mudança. Precisar da acolhida indica que todos/as temos algo em comum com os imigrantes; que, no curso de nossa vida, somos, em alguma medida, peregrinos/as. A Campanha Mundial “Compartilhe a Viagem”, lançada em 2017, pelo Papa Francisco, indica um encontro desarmado, sincero, respeitoso – o macro-ecumenismo que o

mundo de hoje precisa! Há quem diga, pejorativamente, que a religião do migrante seja “sincrética”, “impura” – isso é uma forma de não-acolhida. No máximo, a sinceridade que há aí é a de nosso preconceito. Lembremos que as primeiras comunidades eram de cristãos migrantes e eram vistas como “seitas” – já sofririam esta discriminação.

“...e o levou à uma pensão, onde cuidou dele” (Lucas 10,34)

Muitas vezes, a pessoa recém-chegada precisa de cuidado imediato, pois tudo lhe é estranho: a língua, a comida, as leis, os códigos, a burocracia. Sem falar da ausência da família, do espaço de vivência da sua religiosidade, suas festas, etc. Como se diz entre nós: “...é muito pra cabeça!” Num mundo avesso à acolhida, a ordem é “Salve-se quem puder”. Daí aquele estranho provérbio: “cada um por si e Deus por todos”.

“...pois não havia lugar para eles dentro da casa” (Lucas, 2,7b)

Nós insistimos que devemos oferecer “um lar” a essa pessoa que chega desamparada, em um lugar desconhecido. Lar, não necessariamente material, mas o lar do acolhimento, reconforto, proteção – mesmo que sejamos criminalizados por darmos esta proteção aos indocumentados. São seres humanos, muitas vezes, tratados como ilegais, clandestinos por leis que pouco têm de justas. Neste sistema, quem se põe nesta causa assume, de certa forma, esta clandestinidade – hoje, em muitos lugares do mundo, isso acontece. Não podemos esquecer que, no Brasil, a ditadura perseguiu e torturou quem deu proteção aos perseguidos políticos, muitos dos quais refugiados de países vizinhos.

As Casas de Acolhida são expressões desta vivência. Muitas buscam proporcionar à pessoa do migrante a capacidade de auto-libertar-se!

“Mas eu vos digo que virão muitos do oriente e do ocidente e se assentarão à mesa...” (Mateus 8, 11)

Chegamos, então, à dimensão política da acolhida, em que buscamos construir uma nova organização mundial, sem muros, baseada no bem viver, oposta a esta que vivemos, do mercado e do lucro como mais importantes que as pessoas e a “mãe terra”.

Da nossa acolhida inicial, acreditamos que surgirão lideranças dentre os/as migrantes, imigrantes e refugiados/as que irão mais além de nossas modestas iniciativas, pois são os que chegam com outras visões de mundo e experiências que nos auxiliam a ampliar os horizontes. Potencialmente, são os principais agentes dos quatro verbos indicados pelo Papa Francisco: *acolher, proteger, promover e integrar*. Estes quatro verbos acontecerão mais plenamente com o protagonismo de homens e mulheres migrantes.

“Não se esqueçam da hospitalidade, pois algumas pessoas, graças a ela, sem saber acolheram anjos” (Hebreus 13,2)

Foi o que aconteceu com a viúva pobre de Sarepta, na Sidônia, que recebeu em sua casa o profeta Elias e com ele dividiu o pão que lhe restava. Houve uma troca: o profeta saiu do seu lugar para buscar sinais de Deus entre os pobres de outro povo. E a viúva dividiu tudo que tinha com o profeta que veio de longe. Entre os pequenos aconteceu a partilha, a acolhida recíproca. Foi a partilha que impediu a falta de comida e água em tempos de seca.

O mundo hospitaleiro irá superar preconceitos, discriminações, xenofobias, repressões, muros, e o novo virá do encontro entre os diferentes, pois vivemos num mundo multicultural e plurireligioso e a convivência supera a violência!

O Deus das tendas segue acolhendo seu povo (inúmeros povos dispersos na migração forçada) para que organize em novos êxodos, libertações, em busca da “terra sem males”!

REDUÇÃO DE EMPREGOS, MIGRAÇÕES TEMPORÁRIAS E REDES SOCIAIS DE RESISTÊNCIA

MARILDA A. MENEZES - PROFA. VISITANTE SÊNIOR UFABC E MACIEL COVER - PROFESSOR UFT



Intercâmbio de saberes entre agricultores/as em Remígio-PB.
Foto: Amélia Silva

Sair de sua terra natal e ir em busca de novos lugares é uma experiência comum para uma significativa parcela da população de determinadas regiões brasileiras. As rotas migratórias são diversas em nosso país. Merecem destaque as conhecidas rotas de trabalhadores dos estados da região nordeste em busca de trabalho nas regiões sudeste e centro-oeste. No entanto, rotas de migração oriundas da região sul para o centro-oeste e norte, também são relevantes no contexto nacional do século XX.

A migração tem uma significativa importância para o meio rural da região Nordeste do Brasil. Em municípios da área de clima semiárido, a migração temporária é uma prática histórica que remete, segundo registro de pesquisas, ao século XIX.

O perfil dos migrantes temporários de sexo, idade, escolaridade os torna trabalhadores "atraentes" para determinados setores e atividades econômicas. Eles são na maioria homens, jovens, na idade entre 18 e 35 anos, com ensino fundamental. As ideias de corpo forte, com força física, disposição, disciplina para o trabalho e obedientes compõem as imagens desses trabalhadores.

Devido às dificuldades de sobrevivência no meio rural ou nos pequenos municípios onde residem, são forçados a deixar suas famílias e partir durante cerca de 9 meses para outras regiões em busca de trabalho, em geral na agricultura ou na construção civil. Os empregos gerados nestes setores são geralmente precários, sendo objetos de denúncias do Ministério Público do Trabalho, com ações referentes ao trabalho análogo a escravidão.

Em termos de migração temporária, um dos setores que mais tem movimentado trabalhadores é o setor agrícola. Com a expansão da produção canavieira para etanol, a partir de 2005, milhares de trabalhadores se deslocaram de regiões rurais de estados da Região Nordeste, para trabalhar sazonalmente no plantio e na colheita da cana-de-açúcar nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul. Deslocamentos temporários também são comuns para as lavouras de café, em Minas Gerais e São Paulo; e de soja, em todo o centro-oeste e Minas Gerais a partir da década de 1990.

A mecanização da colheita de cana-de-açúcar e café tem transformado as relações de trabalho nas usinas e nas lavouras. A exigência passa a ser de trabalhadores com habilidades para operar tratores e colheitadeiras. O número de vagas para ocupações manuais tende a diminuir. De acordo com os dados do Ministério do Trabalho e Emprego, compilados pelo Professor José Giacomo Baccarin, a região centro-sul brasileira fechou 35 mil postos de trabalho agrícola não mecanizado no setor sucroalcooleiro e 3 mil postos de trabalho agrícola mecanizado de 2014 até 2016.

A construção civil é um dos setores que tem absorvido força de trabalho migrante interna no Brasil. No entanto, é um setor que tem reduzido a oferta de contratação de trabalhadores. O relatório do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Emprego, (CAGED – TEM) de janeiro de 2018, informa que relativo aos 12 meses anteriores (de janeiro de 2017 a janeiro de 2018) foram fechados 90.625 postos de trabalho na construção civil em todo o país. Uma sondagem realizada pela CNI, divulgada em dezembro de 2017, informa que o setor de construção civil fechou em queda no indicador de atividade de indústria da construção civil em 2017. Ou seja, tanto os dados que medem

a contratação da força de trabalho, quanto a sondagem realizada por uma entidade patronal indicam um cenário difícil para este setor, que tem como característica a contratação de mão de obra migrante.

As mudanças no setor agrícola com a mecanização de determinadas tarefas que absorvem força de trabalho migrante, aliada a um estancamento da geração de empregos no setor da construção civil são fatores que afetam as migrações temporárias internas no Brasil.

Uma saída encontrada por trabalhadores de municípios do Sertão Paraibano é o comércio de roupas na região norte do país, inserindo-se numa cadeia de trabalho informal, ligados aos polos de confecções da região de Caruaru/PE ou de Fortaleza/CE.

Os índices de escolarização deste segmento da população rural do país se configuram entre os menores. A pouca oferta de empregos formais, somada com a precarização generalizada das relações trabalhistas a partir da Reforma Trabalhista recentemente aprovada, fragilizam o cenário e o tecido social destas famílias do meio rural brasileiro.

Restam as redes sociais de amizade e parentesco, historicamente mobilizadas pelos camponeses e trabalhadores para garantir a subsistência e resistência das famílias. Tais redes, aliadas a um processo social organizativo, com os movimentos sociais populares, podem alterar o rumo desta história recente, que busca colocar a conta da crise nas costas dos trabalhadores para garantir os privilégios de uma elite golpista.

Referências

- BACCARIN, J.J., FERREIRA, J.V.B.N. Boletim Sucroocupação Centro Sul. Jaboticabal/SP. Número 72, fevereiro 2017. Disponível na internet em <http://www.fcav.unesp.br/Home/departamentos/economiarural/josegiacomobaccarin1559/boletim-72.pdf> Acesso em 14 de março de 2018.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Programa de disseminação das estatísticas do trabalho. Disponível na internet em <http://pdet.mte.gov.br/caged>. Acesso em 14 de março de 2018.
- JORNAL DO COMÉRCIO RS. Construção civil fecha 2017 em queda mas empresas estão otimistas. Disponível na internet em http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2018/01/economia/608682-construcao-civil-fecha-2017-em-queda-mas-empresas-estao-otimistas.html Acesso em 14 de março de 2018.

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL DAS MIGRAÇÕES 2018 - ESPAÇO DE ENCONTRO

MIGUEL AHUMADA



Reunião preparatória para o 8º Fórum Social Mundial das migrações.
Foto: Acervo SPM

O VIII Fórum Social Mundial das Migrações 2018 - FSMM que se realizará na Cidade de México nos dias 2,3,4 de novembro com o tema "Migrar, Resistir, Construir, Transformar" será um processo e não um evento. Propõe-se como um espaço aberto que, através de diferentes expressões, busca a construção de uma nova visão de migração e encoraja a inclusão de pessoas em contextos de mobilidade. O FSMM é pensado como um processo em construção permanente, horizontal, descentralizado e assumindo, como princípios organizativos, a autonomia, a autogestão e auto-suficiência.

Hoje, praticamente um em cada quatro trabalhadores no mundo é migrante e enfrenta condições de profunda vulnerabilidade: exclusão, discriminação, extrema exploração, morte e / ou desaparecimento. A organização das Nações Unidas - ONU menciona que existem 258 milhões de migrantes no mundo. Sob a globalização neoliberal, a migração é essencialmente um deslocamento forçado, que inclui refugiados do clima, tráfico humano, migração através da miséria e deportações em massa.

A primeira edição do FSMM teve como tema "Travessias na desordem Global", ocorreu em Porto Alegre, Brasil, em 2005.

O segundo e o terceiro FSMM tiveram espaço em Rivas, Madrid, em 2006 e 2008, com os respectivos temas: "Cidadania Universal e Direitos Humanos" e "Nossas Vozes, Nossos Direitos, por um Mundo Sem Muros".

Em 2010, a IV edição do FSMM ocorreu no Equador, com o tema "Povos em

Movimento pela Cidadania Universal".

A V edição do FSMM ocorreu em Manila/Filipinas, em 2012. O tema foi "Mobilidade, Direitos e Modelos Mundiais: Buscando Alternativas".

O VI FSMM foi realizado em 2014, em Johannesburgo na África do Sul, com o tema

"Migração no Coração de Nossa Humanidade defendendo a liberdade e repensando mobilidade, desenvolvimento e globalização"

O VII FSMM ocorreu na Cidade de São Paulo em 2016, com o tema "Migrantes construindo alternativas frente a desordem e a crise global do capital".

E o VIII FSMM será realizado na Cidade do México, no México. Seu lema é "Migrar, Resistir, Construir, Transformar". Este FSMM terá sete eixos temáticos:

- Direitos Humanos, Inclusão Social, Hospitalidade e Mobilidade.
- Realidades de Fronteiras, muros e outras barreiras.
- Resistências, atores, movimentos e ações coletivas.
- A crise singular sistemática do capitalismo e suas consequências para a migração.
- Migração, gênero e corpo.
- Migração, os direitos da Mãe natureza, câmbio climático e as disputas Norte - Sul.
- População migrante organizada como atores de incidência transnacional.

O FSMM deve ser entendido como um processo no qual se busca a mudança da e pela própria sociedade e não da esfera política. Para isso, procura envolver a população migrante, mas também as pessoas que vivem nas comunidades de origem, trânsito, destino e retorno; os acadêmicos estudantes, os defensores dos direitos humanos e população em geral.

Em face às violações dos direitos humanos e da violência que enfrenta esta população, é necessário que a sociedade civil promova ações que gerem atitudes de

solidariedade, empatia, tolerância, inclusão e valorização de todas as pessoas, diminuição do discurso de ódio, intolerância, xenofobia e discriminação. Para isso, o FSMM busca construir um processo social em favor da defesa dos direitos dos migrantes, que os incorpore na discussão de suas necessidades e expectativas e soluções, fortaleça os diálogos entre redes sociais e migrantes e seja capaz de influenciar decisões de políticas públicas.

Através de diversas atividades culturais, acadêmicas, de diálogo, comunicação, entre outros, procura-se que a migração seja entendida como um direito universal e não um crime. A compreensão da migração é procurada como um movimento de pessoas derivadas de causas estruturais.

A erosão do direito à mobilidade, os conceitos de "migração ordenada e segura" e a negação da imigração são sinais de um mundo repleto de contradições. O atual Pacto Global sobre Migração, que é discutido pelas Nações Unidas, reflete essa situação e não vai à raiz das causas estruturais da migração forçada. Tem como pano de fundo uma estratégia corporativa alinhada com o atual sistema capitalista.

O FSMM é um espaço de encontro, onde migrantes, refugiados lideranças, movimentos populares, pastorais, gestores públicos, pesquisadores possam debater ideias a partir de realidades concretas e propor mudanças em prol da justiça social, dos direitos dos migrantes.



Como participar do FSMM?

Escreva para o e-mail:

fsmm2018mexico@gmail.com

Visite o Site do Fórum

e acesse mais informações

www.fsmm2018.org

Facebook @FSMM2018

SAMBA ENREDO 2018 - MEU DEUS, MEU DEUS, ESTÁ EXTINTA A ESCRAVIDÃO?

PARAÍSO DO TUIUTI

COMPOSITORES: CLAUDIO RUSSO, MOACYR LUZ, DONA ZEZÉ, JURANDIR E ANÍBAL

Não sou escravo de nenhum senhor
Meu Paraíso é meu bastião
Meu Tuiuti, o quilombo da favela
É sentinela na libertação

Irmão de olho claro ou da Guiné
Qual será o seu valor? Pobre artigo de mercado
Senhor, eu não tenho a sua fé, e nem tenho a sua cor
Tenho sangue avermelhado
O mesmo que escorre da ferida
Mostra que a vida se lamenta por nós dois

Mas falta em seu peito um coração
Ao me dar a escravidão e um prato de feijão com arroz

Eu fui mandiga, cambinda, haussá
Fui um Rei Egbá preso na corrente
Sofri nos braços de um capataz
Morri nos canaviais onde se plantava gente

Ê, Calunga, ê! Ê, Calunga!
Preto Velho me contou, Preto Velho me contou
Onde mora a Senhora Liberdade
Não tem ferro nem feitor

Ê, Calunga
Preto Velho me contou
Onde mora a Senhora Liberdade
Não tem ferro nem feitor

Amparo do Rosário ao negro Benedito
Um grito feito pele do tambor
Deu no noticiário, com lágrimas escrito
Um rito, uma luta, um homem de cor

E assim, quando a lei foi assinada
Uma lua atordoada assistiu fogos no céu
Áurea feito o ouro da bandeira
Fui rezar na cachoeira contra a bondade cruel

Meu Deus! Meu Deus!
Se eu chorar, não leve a mal
Pela luz do candeeiro
Liberte o cativo social

Meu Deus! Meu Deus!
Se eu chorar, não leve a mal
Pela luz do candeeiro
Liberte o cativo social



Desfile da escola de samba carioca Paraíso do Tuiuti
Fonte : https://www.facebook.com/pg/gresparaissodotuiuti/photos/?ref=page_internal



Desfile da escola de samba carioca Paraíso do Tuiuti
Fonte : https://www.facebook.com/pg/gresparaissodotuiuti/photos/?ref=page_internal



Desfile da escola de samba carioca Paraíso do Tuiuti
Fonte : https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/album/1518434129_825558.html



Desfile da escola de samba carioca Paraíso do Tuiuti
Fonte : https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/album/1518434129_825558.html

PALAI



A 24ª edição do Grito dos Excluídos/as em 2018 trará para reflexões e mobilizações o LEMA "Desigualdade gera violência: basta de privilégios!"

"Mãe Negra Aparecida!
O povo trabalhador, com esperança fé e ação derruba o sistema de maldade e exploração"
é o lema deste ano da 31ª Romaria dos/as trabalhadores/as à Aparecida-SP, que é organizada pela Pastoral Operária em parceria com Serviço Pastoral dos Migrantes. Participe.

Levantamento feito pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), indica que de 2002 até o 1º semestre de 2017, cerca de 30 mil escolas rurais foram fechadas.

Pesquisa revela que falta trabalho para 27,7 milhões de pessoas no Brasil. O resultado faz parte do levantamento feito pelo (IBGE) no primeiro trimestre de 2018, os dados foram divulgados em maio.

A desertificação cresce e ameaça terras do Nordeste, Minas e Espírito Santo. Área afetada aumentou 482% nos últimos cinco anos devido ao desmatamento da caatinga e do cerrado, ao uso intensivo do solo, à irrigação inadequada e à mineração excessiva.

Cerca de 17 mil magistrados recebem Auxílio Moradia de R\$ 4.377, 73. 92% dos brasileiros/as recebe um salário inferior a este auxílio.

Em 2017 os pedidos de refúgio somaram 33.865. A maioria vem da Venezuela, Cuba, Angola, Haiti e China. (UNISINOS).

No Brasil, 7,7 milhões de famílias estão sem moradia, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Um estudo do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) revelou no ano passado a existência de 33 proposições anti-indígenas em andamento na Câmara e no Senado.

MISEREOR
IHR HILFSWERK



adveniat
für die Menschen
in Lateinamerika